

02/09/11

AULA MATRIX

a) *Messianismo*: surge no meio dos hebreus, por volta do século VII A.C., quando os hebreus são levados cativos para babilônia. Eles pretendem voltar para a cidade a qual eles eram livres: Sion. Quando os persas dominam a babilônia, os judeus voltam para Israel, fundando novamente sua nação. Contudo, logo após, são dominados pelos romanos.

Macabeus: resistência militar de pessoas que se refugiaram nas colinas e que foram completamente dizimadas pelos invasores romanos. Depois, eram chamado de *zelotes*.

Messia = Cristos (grego) = Ungido → A unção era uma marca externa. Os sacerdotes, os reis eram ungidos

b) *Alice no país das maravilhas*: que vantagem tem um livro sem figuras e sem diálogos? Os livros em via de regra não tem figuras. A história de Matrix é contada apenas com imagens. Os diálogos de Platão tem como via de regra o personagem principal Sócrates. A história de Matrix é a história de Sócrates. Sócrates é aquele que duvida que é o homem mais sábio do mundo; Neo é aquele que duvida que é o escolhido.

c) *Budismo*: luta de kung fu (monges budistas, templo shao lin). Surge no século VI A.C. Eles imitam os movimentos dos animais. Imitação é algo importante no filme.

d) *Bodria*: crítica da cultura de massas. “A sombra das maiorias silenciosas” “Simulacro e simulação”. Nas sociedades pós-industriais como as nossas, perdemos as noções da realidade. Tudo que consumimos são cópias de cópias. O livro que ele guarda os disquetes é um simulacro de um livro

Platão: simulacro: eikasia → as sombras são simulacros

Nabuko: Danoso

Utopia → quadro Cocanha.

Trabalho → do latim tripalium (arado; ou instrumento de tortura)

Até o século XIX não se tinha água potável. Para superar tal fato, inventaram-se dois métodos para o uso da água, um no ocidente e outro no oriente. No ocidente, fermentava-se a água (cerveja). No oriente eles ferviam água, e, para melhorar o gosto da água, se usavam ervas (chá).

Distopias: “Admirável mundo louco”. É na série de distopias que Matrix se insere. O mundo é um sistema que nos controla.

Matrix: “O mundo que foi colocado diante dos seus olhos, para cegar a verdade”

Matriz: vem do campo. Se se mata todos os frangos de uma fazenda, não haverá criação. Por isso é necessário ter uma matriz de frangos. Os homens seriam as matrizes das máquinas. Nós somos enganados para gerar energias para as máquinas.

“Ano mil, ano 2000”

Morpheus: “Qual é a sua definição de real?” → nós pensamos que os sentidos nos demonstram o real.

Cypher → sua roupa na matrix é diferente das de todo mundo: roupa de couro, imitando cobra.

Cypher, em inglês medieval, significa zero.

Neo: acróstico da palavra One. Cypher é zero

1 e 0 são os números da matemática binária, que é utilizada no mundo digital.

Thomas (Tomé (bíblia), característica de dúvida) Anderson (Andros, son: filho do homem) → O nome de Cypher, quando ele é implementado nos programas, é Reagan.

Thomas x Reagan

Marcus 3, 11 → tu és o filho do homem.

Cena do oráculo: permite identificar Sócrates com Neo. A música que está tocando é um jazz de Duke Ellington: “eu começo a ver a luz”

Delfos: umbigo da deusa mãe, da deusa terra (Gaia). Era em Delfos que os gregos nasciam. Oráculo de Delfos. Quiromancia (adivinhação da mão). Quirografia (assinatura). Apolo: deus da adivinhação. Abaixo do templo, tem-se uma caverna. No fundo da caverna, emanavam gases tóxicos → por referência a Piton, a sacerdotisa que tampava a fenda chamava-se Pitonesa.

“Conhece-te a ti mesmo” → oráculo de Delfos

Biscoitos no forno → gases tóxicos da fenda.

Cena do zen budista no oráculo → três níveis de metalinguagem.
Os óculos usados pelos personagens são espelhados.

09/09/11

Questionário

10) Macabéa uma jovem nordestina feia e que não tem família → a família como núcleo de inserção da nossa identidade. Não há família, o ambiente urbano dificulta a reconstituição do mundo familiar e do mundo identitário.

11) Extremamente ambicioso, maltratava a namorada o tempo todo, personagem cômodo, sabe fazer discursos vazios, não tem bom senso, não tem capacidade de ouvir o outro. Ele resolve o problema da identidade trocando de namorada (pólo de ascensão).

12) Público → mundo vazio. É um bem para todos.

13) Hipertrofia da identidade destrói o mundo público. Destrói a pergunta de “quem sou eu?”
Minha vida é tentar construir na intimidade a fragmentação do mundo. O mergulho na identidade nos torna incapazes de passar do eu para nós

14) A modernidade é uma era de revoluções, um indivíduo mergulhado dentro de si mesmo, sem passar para o pólo do nós

15) Fase do terror, paradigma da ação pública. O bem e o mal se tornam claros. O bem público é trago como universal.

16) O terror gera a si mesmo. É um medo paranóico do outro.

13/09/11

O tema da justiça na mitologia

O tema da justiça esteve sempre presente entre os gregos, próprio disso é a mitologia. A deusa Geia tem como parceiro Urano. Ela gera Cronos. Deus Cronos castra o pai, após o sofrimento da mãe. Cairá sobre a terra três gotas de sangue: as Eríneas (deusas furiosas). Cada vez que um sangue de um parente é derramado, elas exigem a vingança. A vingança é o parâmetro da justiça.

Aleto → castiga alguém com um chicote

Tiscífone → castiga com um ferro em brasa

Megera → azucrinar a pessoa

Cronos se torna o senhor eterno do universo. Contudo, as deusas Eríneas exigem a vingança para que ele seja destronado. Cada vez que nasce um filho, Cronos devorará o filho de Geia. O único que sobrevive é Zeus, após um truque feito por sua mãe para enganar Cronos.

Zeus unirá a seus irmãos, após salvá-los, empreendendo uma luta contra os deuses titânicos.

Deuses Titânicos.

Deuses Olímpicos ou crônicos: são eles os responsáveis pela ordem, pela organização política. É nessa ordem que Zeus existe. Zeus herdou uma característica de seu avô: o gosto pelas amantes.

Uma dessas amantes é a deusa titânica Têmis. Têmis representa a ordem do universo. Ela é responsável, por exemplo, que depois da lua cheia virá a lua minguante. Zeus tem três filhas com ela:

Euromia: Disciplina

Irene: Paz

Diqué: Justiça

A justiça pressupõe as duas irmãs, e é filha do poder.

As Eríneas exigem a vingança como justiça primitiva. →isso é marca do pensamento grego. Os gregos percebem que, no problema da vingança, aquele que no praticar o ato de justiça, levará a uma outra vingança. Portanto, a vingança não teria um fim. Logo, a lógica da vingança é insustentável, sendo um círculo vicioso. Somente quando ela é transferida para o Estado, como ente neutro, é que ela se torna organizada.

Último livro da Oréstia.

Surgimento da filosofia

A filosofia surge em Mileto (hoje, Turquia).

Atenienses: eram, de todos os povos gregos, provavelmente os mais religiosos. Todas as vezes que tinham um problema, perguntavam aos deuses, ao oráculo.

Já Mileto, exatamente por causa da distância física para chegar a Delfos, é que começa-se a recorrer à razão e à experiência para resolver os problemas que surgiam.

Milagre grego: pararam de recorrer à religião para fundamentar a realidade.

Os gregos, como navegadores, procuravam explicar os mares. Logo, tentam explicar a natureza surgindo assim os pensadores originários ou físicos. A palavra physis significa “natureza”. Esses pensadores buscavam um princípio que explicasse toda a natureza, a “arché”.

Peloponésio: invadida por Xerxes

As cidades, na Grécia, podiam ser divididas em dois modos: cidades de intelectuais, comerciantes e negociantes; e cidades que eram de guerreiros, como Esparta.

Lacônico: que fala pouco. Lacônia → cidade de guerreiros.

Os persas, liderados por Xerxes, invadiram a Grécia e tiveram vitória sobre vitória, até que perdem em Maratona. Maratona é distante 42km de Atenas.

Formação da liga do Peloponésio: confederação dos Estados gregos.

Atenas: diferentemente de todas as cidades gregas, Atenas era uma democracia. Todos os homens livres participavam do poder. Nunca os gregos combateram com tanta bravura a batalha de Maratona. Se Atenas caísse, todos cairiam. Já como em Efesos, se perdessem, era a classe dominante que perderia.

Ética, Antropologia, retórica: período do humanismo ateniense. Período clássico da filosofia. Dura 70 anos, até a conquista de Peloponésio por Alexandre. Alexandre é instruído por Aristóteles. Com isso, Alexandre espalhará toda a cultura grega pelo seu império, o que será chamado “período do Helenismo”

Ataraxia: todo grupo de filósofos diferentes

Vertentes do Helenismo:

Estoicismo: Zenão. Seneca é um filósofo do Estoicismo.

Epicurismo: Epicuro

Ceticismo: Pirro de Élis

Estoicismo: apatia: não sofrer com o destino → a coisa mais sábia a se fazer é não se revoltar.

Apatia leva a tranquilidade da alma.

O que é apoenia? Conceito epicurista, que significa sensação da dor. Ele acreditava que era possível evitar a dor.

Ceticismo: a maneira mais fácil de ser sábio é ficar com a boca fechada.

Plutarco: “Tratados morais de Plutarco” → junta todas as vertentes do Helenismo

“Escutatória”, Rubem Alves

Pêndulo clássico da filosofia grega:

Humanismo x Helenismo

Formas hieráticas → esculturas dos Deuses

Sátiros: metade homem e metade bode.

Em grego, tragos é bode, e canto óide.

Tragédia: rememora a história de Dionísio.

16/09/11

Pitágoras

Conceito fundamental da filosofia pitagórica: o número (arithmos)

Segundo Pitágoras, o número era a arché.

Na época os números eram representados como pontos. Quando ele analisa os pontos, ele observa que a unidade é que forma os números. Para Pitágoras, os números ímpares são limitados, já os pares infinitos. Os números permitem compreender o universo.

Dualismo: Explicação da realidade que recorre a um dualismo que é o bem e mal, par e ímpar, claro e escuro, etc. Todos eles são explicados pelo dualismo entre números pares e ímpares. Apesar de haver um dualismo, o dualismo não é exatamente uma oposição. Não existe um caos.

Se o universo é feito de números, se os números permitem compreender a realidade, Rafael Sanzio representa Pitágoras calculando (expressão da filosofia pitagórica de compreender o mundo).
Obs: As duas correntes que vão influenciar o pensamento platônico são o orfismo e o pitagorismo.

Heráclito de Éfeso, “o obscuro”

Filósofo de difícil compreensão. Na pintura, seu rosto é coberto por sombras. Ele radicaliza a polaridade. O mundo é um campo de batalha entre os opostos.

Parmênides de Eléia:

Pode-se reduzir o universo em ser e não-ser. Será que o não-ser pode ser origem do ser? O ser pode se transformar no nada? É preciso dizer do ser que ele é, que ele existe. Do não-ser, que ele não é, que ele não existe. Todas as afirmações possíveis só podem ser atribuídas ao ser. Nada é predicável ao não-ser. Só se pode dizer que o não-ser não existe. O ser não se destrói: o ser é eterno. Aquilo que existe nem foi gerado, nem se destrói: ele sempre existiu, é eterno, imóvel, imutável. Ele não pode virar não-ser, então não pode se transformar no nada. A conclusão é de que tudo aquilo que existe não foi gerado. Esse é o princípio da não contradição. Algo não pode ser ela e ao mesmo tempo ser não-ela. Por isso, Parmênides é representado com um pé em cima de uma pedra. Essa iconografia, na história das artes, representa estabilidade, símbolo da filosofia de Parmênides.

Zenão de Eléia

Paradoxos de Zenão: Exemplo: É impossível que a flecha chegue ao destino, pois a reta é um conjunto infinito.

Ex2: Aquiles e a tartaruga: a tartaruga nunca será ultrapassada.

Sócrates de Atenas

Para compreendê-lo, mister compreender também os sofistas.

Sofistas

Podem ser comparados a três profissões: aos professores, aos repórteres e aos advogados.

- Professores → cobram para transmitir o seu conhecimento;
- Repórteres → viajavam por todo o mundo grego e reportavam o que tinham visto;
- Advogados → cobram para fornecer argumentos.

Para os sofistas, a palavra estava a serviço do conhecimento. Podia se fornecer argumentos contrários para pessoas diferentes.

O que Sócrates tinha de diferente dos sofistas?

Sócrates criticava o relativismo dos sofistas. Para ele, o justo existia em si mesmo, enquanto para os sofistas, a justiça é relativa

Sofista Protágoras

Existe uma diferença entre a *physis* e o *nomos*. Na *physis*, o que rege é a natureza. No *nomos*, é a vontade dos homens.

Trasímaco: pensava que sabia o que era justiça. Contudo, para Sócrates, ele errava duas vezes. Pensava que sabia o que era justiça e não sabia que não sabia o que era justiça.

Método de maiêutica: arte das parteiras. Sócrates é um parteiro de ideias. No mundo grego, não é qualquer pessoa que podia ser parteiro, somente as mulheres. Só mulheres que já tinham tido filhos podiam ser parteiras. Somente as mulheres que já tinham entrado na idade estéril, na menopausa, que poderiam ser parteiras. Porque essa lei? Essa lei foi inventada por Sólon. Somente uma mulher, um professor que é igual ao seu discípulo, que já passou pelo mesmo processo de descobrir – pelo qual seu discípulo passa –, além do professor ser estéril, não ser fonte do conhecimento, é que torna o professor acessível ao discípulo

Ironia: início da conversa

Diálogo

Aporias: poros por ondem saem o suor. Aporia: sem saída. Sócrates não estava preocupado em encontrar a resposta, mas sim o método de se encontrá-la.

Diálogos aporéticos: os que melhor retratam o pensamento de Sócrates.

Para Aristóteles, Sócrates inventou o problema da definição

Sócrates: o conhecimento gera o bem. A ignorância gera o mal. Ninguém pratica o mal contra a si próprio conscientemente. Ninguém pratica o mal por ignorância.

20/09/11

Platão

Tenta conciliar os eleatas (Parmênides, ser imóvel) e os milesianos (Heráclito, ser mutável) → recorre ao dualismo de Pitágoras. No mundo sensível, quem tem razão é Heráclito. Já no mundo inteligível quem tem razão é Parmênides.

O que é a justiça? Se quisermos saber o que é a justiça da alma seria muito difícil de ver. A alma é algo muito pequeno. É preciso, portanto, aumentar a dimensão, de modo que seja uma cidade de almas. Uma cidade ideal em primeiro lugar possui os melhores artesãos que existem: são os mais eficientes possíveis. Os artesãos são perfeitos. Por causa disso, a cidade se torna rica. A cidade ideal precisa de protetores. Todas as crianças deverão ser separadas dos pais quando pequenas. As crianças vão ser criadas juntas por todos os adultos das cidades. Os adultos, com medo de estarem maltratando os seus próprios filhos, tratarão todas as crianças de forma perfeita. E as crianças, com medo de estarem maltratando seus pais, tratarão bem todos os adultos. As crianças que se mostrarem corajosas vão ser treinadas para serem guardiões.

É preciso de alguém que também governe a cidade. Que virtude essa pessoa tem? Dos soldados, dos guardiões serão separados aqueles que são também sábios.

Temperança: reconhecer o seu limite, reconhecer a sua função. Essa cidade só pode existir se cada qual sabe o seu lugar.

Platão: justiça é fazer aquilo que lhe compete.

Qual as virtudes que o sábio possui?

Andrea → coragem. É também fortaleza

Sofia → sabedoria

Sofrosini → Temperança

Caiosini → origem da palavra: vem de Diqué, a deusa da justiça

Platão, em “Fredo”: a nossa alma é como uma carroça empurrada por dois cavalos. O cavalo da frente é um cavalo jovem (um cavalo forte). O cavalo detrás é um cavalo mais velho.

O cavalo da frente são os apetites, os desejos que impulsionam a nossa vida. Quem não deseja, não tem apetites não sai do lugar.

O cavalo detrás é o que freia o apetite. É a Andrea, que freia os apetites

O condutor que conduz o carro é a razão.

Alma justa é aquela governada pela razão, que possui apetites e que tem Andrea

A coragem implica um tipo de avaliação. Ela refreia os impulsos.

Pag. 64 da apostila

Imagem: lado esquerdo órfico pitagórico

do lado direito: lado empirista da filosofia grega.

Platão: aponta para as ideias

Aristóteles

Aristóteles: está corrigindo Platão. O que os empiristas, por meio de Aristóteles, estão dizendo, é que as ideias permitem compreender a realidade. Mas não é preciso do dualismo para compreender a realidade.

Aristóteles, ao contrário de Platão, vai analisar todas as leis atenienses e procurar nelas o que é a

justiça. Para Aristóteles, a matéria está contida na forma e vice-versa (Hilemorfismo).

Hylé = matéria + Morphé = forma

Ideia quer dizer forma. E a ideia está contida na matéria. Eidos = Ideia

O que pensam os empiristas? O sentido é o mecanismo por meio do qual nós conhecemos a realidade. O que é que os sentidos revelam? Revelam que estamos sobre uma terra imóvel, em torno da qual giram todos os astros.

Mundo sublunar: composto de 4 elementos: terra, água, fogo e ar

Mundo Supralunar: éter → é a matéria perfeita. Por isso, as formas dos corpos é também perfeita.

Basta olharmos para o sol e para a lua. Eles são discos perfeitos. Qualquer lugar que olharmos para eles estarão à mesma distância da terra.

Todas as coisas tendem a voltar a seu lugar natural. Cada objeto tem seu lugar natural. É por isso que a chuva não sobe, que o ar fica em torno de nós

Ato e potência: Para Aristóteles, é impossível explicar ato e potência. Contudo, são conceitos intuitivos. Todos nós sabemos o que é ato e potência. Dínamo = potência. Enérgueia = ato.

Michelangelo: como foi possível fazer esculpir um Davi tão perfeito? “Eu não esculpi, eu só retirei o excesso da pedra. O Davi já existia como potência.” Deus: pura forma, que é um puro ato. Como uma semente se torna uma árvore? Ela já é uma árvore, só que em potência

Qual a diferença da semente para a pedra? A pedra é transformada por meio de um processo externo, a *Techné*. A semente não. Ela é transformada por um princípio interno de mudança: *Psyché*

Techné: trabalho

Psyché: Princípio interno de mudança, movimento, transformação

Marx, no 18 de Brumário: se a aparência e a essência coincidissem, a ciência não seria necessária.

Mas, como é que a forma de Davi é impressa ao bloco de pedra? Como é que a forma da laranjeira é impressa à semente?

Resposta: *Teoria das quatro causas* (causa quer dizem origem). Como é que a forma é impressa à matéria?

Há quatro “coisas” que explicam a origem do Davi e da laranjeira:

- *Matéria*
- *Forma*
- *Causa eficiente*: “Causa pela qual algo se produz”: é como se fosse o trabalho.
- *Haitia*: finalidade contida no processo de transformação da matéria.

A causa da existência do templo não é o templo, é o trabalho do arquiteto. O arquiteto já possuía a forma do templo em sua mente. A sua mente é a causa eficiente

O homem como ato é a fase adulta.

Útero: vaso

Sêmen: semente

A vida vem da semente, e não do vaso.

Problema da definição

Aristóteles: “o ser humano (anthropos) é, por natureza, um ser animado político”. O homem é um animal que fala.

Para nós definirmos algo, é preciso duas coisas:

- *Gênero*: a classe a qual o homem pertence. A classe diz de uma diferença externa. Mas é preciso apontar uma distinção interna, dentro da classe, do gênero
- *Distinção interna*.

O homem é um animal (gênero) político. (no grego, Polis = atividade que é desenvolvida na cidade; no latim, civitas, que é diferente de ubitas;). As abelhas também vivem em sociedade. Já o homem, além de viver em sociedade, também a autodetermina, escolhendo seus representantes.

A nossa natureza humana não é intrínseca a cada um de nós. Quando nós nascemos nós só temos a potência de sermos seres humanos. Como é que nós nos tornamos seres humanos? Realizando

política. Somos atos quando somos adultos, exercendo a vida política.

Eudaimonia: realização plena dos objetivos da vida humana. É traduzida como “felicidade”.

Para os gregos a eudaimonia não consiste em ter algo. Para eles é fazer algo.

Objetivos da vida

Quais são os objetivos da vida? *Teoria das três almas* (alma significa movimento, transformação):

- *Alma vegetativa*: é a alma que promove o crescimento.

A natureza não faz nada em vão. Alguns animais buscam prazer se afastando da dor. E é se locomovendo que conseguem tal. As plantas não sentem dor nem prazer, sendo mortas queimadas imóveis.

- *Alma sensitiva*: (buscar prazer e afastar dor)

- *Alma racional*: (política e a filosofia) → ação (o escolher) e o conhecimento (filosofia). Essa é a alma específica do ser humano.

Qual das três almas é a alma humana? As três

Então quem eu sou? Quem acha que o objetivo é crescer não passa de uma samambaia. Quem acha que o objetivo é sentir prazer não passa de um jumento. O homem para ser perfeitamente virtuoso precisa ser abastado.

Para Aristóteles, não sentir prazer é um vício moral. O que determina o objetivo da vida é a razão.

Quais são os meios para atingir a finalidade?

- *Areté*: vício da alma. Nós identificamos as virtudes como comportamentos humanos. Todas as coisas possuem a sua própria *Areté*.

Exemplo: o que diferencia a pedra da lama é a dureza. Existem pedras que são mais duras que outras. Logo, elas são mais pedras do que outras pedras.

O que nos define como seres humanos não é só a finalidade como também os meios que são as virtudes. Que virtudes são essas?

- *Virtudes dianoéticas* → virtudes da mente, propriedades da mente, características da mente. Ao fim, ao cabo, são duas:

- *Sophia*: Capacidade de universalizar as coisas

- *Phronesis*: capacidade de individualizar as coisas

- *Virtudes éticas* (do caráter): são adquiridas pela repetição. São meio-terminos entre dois extremos viciosos.

Ninguém nasce virtuoso. Todos nós adquirimos a virtude pela repetição. O homem é o único ser que adquire a virtude pela repetição. Ele contraria a própria natureza.

Nós somos todos determinados por paixões. Uma dessas paixões é o medo. Há três formas de reagir contra o medo: a covardia (medo extremo); o não medo; e a coragem, que é o meio termo entre elas.

Outra paixão: fama → excesso: vaidade; falta: humildade; o meio termo é o respeito próprio.

23/09/11

Texto de Aristóteles sobre a justiça

A ambiguidade do termo justiça é de que não consideramos tal ambiguidade quando a empregamos em diferentes contextos.

Como é possível que haja três tipos de homens injustos para dois homens justos?

Justiça tem dois significados:

- o que respeita a lei

- o que lhe é devido → igualdade (meio-termo entre ganancioso e improbo)

Por sua vez, há duas formas de tratar a igualdade:

1a: em relação ao Objeto → Justiça corretiva: relação aritmética → se aplica nas relações comerciais

2a: em relação ao Mérito → Justiça distributiva: igualdade geométrica → se aplica na política.

O que é o mérito? O mérito varia, dependendo de qual sistema. Na democracia é o simples fato de alguém ser um homem livre. Na aristocracia são as virtudes. Na oligarquia é o dinheiro.

Quais são as diferenças entre as formas puras e impuras de governo? O interesse envolvido. O conceito de igualdade é um conceito relacional, um conceito comparativo. Só se pode ser igual em relação a outra pessoa.

Porque a justiça é a mais completa das virtudes?

Quando se considera a lei, a lei ordena uma série de coisas. Se justiça é cumprir a lei, justiça é cumprir todas as virtudes, pois a lei é a justiça completa.

Quando se considera a igualdade, a justiça é tal pois é uma virtude intrinsecamente política. É o meio-termo.

Igualdade em grego se diz isonomia. Equidade em grego se diz epiequeia. Equidade é a correção do justo legal.

Ilha de leslos: nomos: quer dizer regra e quer dizer régua (em latim, vem de regula /régula/) → relação com a régua que se ajusta à forma.

A lei é da ordem do geral, mas a ação humana é da ordem do particular. O juiz precisa reintroduzir a particularidade na lei. Por isso, a atividade do juiz é uma atividade fronética. E isso é o que se faz a equidade.

A justiça é a repetição do caráter. Não depende do querer. Depende do caráter, do meio em que a pessoa viveu, que se habituou a praticar atos justos.

27/09/2011

A filosofia das coisas divinas e das coisas humanas.

Respostas ao questionário:

1) Não existe refutação

2) Tradição poética (mundo organizado, mundo ordenado, garantido pelos deuses, existindo um lugar para o homem) hybris → desmedida.

Homo → vem de húmus, que é terra. Humilitas = humildade, que significa olhar para a terra. Num contexto de deuses, significa exatamente isso. Os deuses são transcendentos, nós temos que nos curvar sob a terra.

A palavra híbrido vem de hybris. O centauro é um ser hybris, medida de todas as coisas.

3) Ordem no universo, harmonia; arte da motivação (os poetas gregos já davam as razões pelas quais os homens agiam de uma forma ou de outra); sentido de totalidade

4) Surge com os pré-socráticos o logos demonstrativo (alethea, que quer dizer verdade).

Literalmente quer dizer desnivelamento. Significa tirar o véu)

5) Invenção socrática que transfere a preocupação da natureza para a preocupação com o homem. A filosofia trata agora dos problemas humanos.

6) Alma, antes de Sócrates, era o princípio vital que se mantinha após a morte. Com Sócrates significa interioridade, a essência, o próprio ser humano. “O homem é a sua alma”.

7) Inventando o diálogo. Sócrates inventa o problema de definir algo. É o problema da definição. A definição se consegue por meio do diálogo. Isso pressupõe uma igualdade no diálogo, entre o mestre e seus discípulos.

8) A descoberta é de que além do discurso ser demonstrativo, ele é também crítico. “A palavra pode ser usada contra ela própria”, Sócrates. A razão crítica tem um poder destrutivo. A razão pode ser usada contra a própria razão. Kant: “a razão deve julgar a razão”. Crises: a primeira vez que essa palavra aparece são em textos médicos. Depois ela passa para os textos jurídicos, que é a situação do réu, que é absolvido ou condenado. Só depois essa palavra passa para filosofia, que significa um momento de decisão

9) Comunidade dos iguais. O uso da palavra desigualdade as pessoas. Há pessoas que fazem bons discursos e convencem mesmo sem ter razão

10) Além da função crítica e demonstrativa, o discurso tem um fundamento crítico. A razão impõe o padrão. O que é certo, belo, errado é estabelecido normativamente pela razão. É a ideia. É deus e não os homens a medida. A razão pode descobrir essa medida

12) Bem não é algo que está para além dos homens. O bem dos homens é o comum dos homens.

Não se precisa procurar as ideias para descobrir a justiça. Não diz respeito aos homens. Se o bem está para além dos homens, ele não está para os homens

13) Porque retrata o embate entre a filosofia de Platão e de Aristóteles

30/09/11

O comunitarismo na idade média

Página 96

Primeiro quadro: retrata uma cena de uma universidade em Paris. O professor é retratado de forma maior, no centro da tela, o bedel abaixo, e os alunos ao redor deles.

Lexio → lição

A única forma que os alunos tinham para ter acesso ao texto na idade média era ter o texto ditado (e o professor entremeava o texto com comentários).

A hierarquia medieval se expressava no bedel, que se encontra abaixo do professor.

A arte medieval quer retratar o que os homens não vêem. O professor é retratado de forma maior para demonstrar que é mais importante do que os alunos.

As sociedades medievais são profundamente hierarquizadas.

2o afresco: pintado no hospital Santa Maria, na Itália.

Século XII → período do crescimento das cidades medievais, fruto dos cercamentos de terras – os servos se constituíam em torno do castelo. Com isso, formava-se cidades em torno dos castelos, que eram chamadas de Friburgos.

Obs: referência a cidade de Freiburg, que significa “cidades dos homens livres”.

Quando se ficava doente, todos da mesma família estavam condenados a passar fome (visto que não havia sobrevivente).

Neste momento, os nobres europeus começam a constituir irmandades religiosas. Essas irmandades tinham que fazer votos de castidade. Contudo, nem todas queriam tal. Por isso, surgem as Ordens Terceiras.

“Ordens Terceiras”: vão criar hospitais, onde as pessoas eram recebidas para viver lá enquanto estavam doentes.

Hospital: tem a mesma etimologia de hotel. Com efeito, os hospitais eram hotéis para os pobres.

Vide o primeiro hospital de Paris, “Hôtel de Dieu”. De fato, os nobres acreditavam que eram responsáveis pelos seus súditos. O que legitima o poder do rei na Idade Média é o fato dele ser bom. Até pela saúde do seu povo os reis cuidavam. Logo, *se uma das características da idade média é a hierarquia, a outra é a profunda solidariedade social*. Isso marca também o comunitarismo social medieval.

Reis taumaturgos: reis dos milagres. Os reis, de fato, promoviam a cura das doenças sazonais.

“Ano 1000, ano 2000” → livro que fala justamente isso

As redes de solidariedade social na idade média permitiam que os medos fossem enfrentados juntos.

Cristianismo

Qual é o símbolo que os cristãos utilizavam para se identificarem? O peixe → (a cruz é somente bem posterior, no século IV D.C.)

Cristianismo: traz uma novidade → a de que os homens deveriam ser salvos

Paulo acreditava que o cristianismo era uma religião universal, assim como o islamismo e o judaísmo.

Imagem da página 97: Cristo pantocratora → Cristo que tem o poder sobre todas as coisas. Cratos: poder. Pan: tudo

“Cristos nesus”: cristo ressuscitou. Querigma → dogma fundamental do cristianismo.

Racionalidade universalizadora grega.

O cristianismo vai alterar profundamente a mentalidade grega europeia. O primeiro efeito é a proposição de um conceito novo de Deus. Para os gregos, os deuses representavam energia, princípios e fenômenos da natureza. Representavam forças e energias arquetípicas da natureza. O cristianismo diz que Deus não se confunde com a natureza. Ele é um ser completamente distinto de toda a natureza, de todo o universo. Ele cria a natureza.

Porque a ciência foi inventada pelos europeus? Uma das razões é o cristianismo. Na China, Deus e

natureza são a mesma coisa. Na Europa, Deus criou a natureza, com regras próprias e inerentes à ela. Se Deus e natureza são seres distintos, é possível ter uma ciência que conhece um e uma ciência que conhece outro.

Como pessoa, Deus é chamado nas escrituras de Pai.

Outra novidade cristã: *conceito acerca do que é "homem"*. Para os gregos, o corpo é a sua alma. A relação entre corpo e alma é mudada pelo cristianismo e isso já vem do judaísmo. Uma das novas formas é de conceber a ideia final da alma. "Cristo ressuscitou": premissas → a ideia de encarnação é incompatível com a ideia do cristianismo. Para os cristãos, nós viveremos em um corpo no estado final, e não como uma alma desencarnada, como para o espiritismo. Os judeus acreditam que tem uma parte na coluna vertebral, a partir do qual o homem será reconstruído em sua ressurreição. A ressurreição é uma concepção do judaísmo. Isso indica um novo valor do corpo: o homem não é somente a sua alma, mas também o seu corpo. Monte calvário: relação de Isaac (4 mil anos antes) e Jesus.

Outra novidade: *nova concepção do que se acerca por amor*. Para os gregos é algo que se falta. Para os cristãos é abundância.

Eros: amor erótico; filia: amizade; agape: é o servidor, não é algo que é servido. Agape significa graça.

Mateus é um judeu convertido ao cristianismo. Ele quer convencer os judeus a também se converterem. No sermão do monte, Jesus sobe a um monte (que é uma marca da autoridade) e diz: amai a vossos inimigos.

Agostinho: nós somos os seres mais desprezíveis, mas mesmo assim Deus nos amou. Deus nos concebeu graça (agape).

Amor não é algo que falta é algo que sobra (charitas)

Outra novidade: *A quarta novidade do cristianismo é o que se entende acerca do tempo*. Para os gregos o tempo é cíclico. O cristianismo propõe a visão do tempo como uma linha. A linha tem um princípio, a criação, e um fim, que Agostinho diz que é um juízo final.

O que Deus fazia antes de criar o céu e a terra? Para Agostinho, a eternidade é a ausência de tempo. O tempo é terrível, visto que não deixa fazer escolhas. Deus existe fora do tempo. Quando uma pessoa morre, para os cristãos, ela está instantaneamente julgada.

Patrística

O primeiro momento da filosofia medieval cristã é chamada de patrística. Patrística quer dizer padres. Padres quer dizer Pais (os pais da Igreja). Compreende do século I até o século VI.

O princípio da filosofia patrística é o embate entre fé e razão. Paulo já estava consciente deste embate.

Quando há um embate entre ciência e fé, qual dos dois prevalece? Como resolver esse conflito entre revelação especial (deus se revela em um livro) e revelação geral? Existem três posições sobre isso:

- *Fundamentalistas* → a ciência é coisa do diabo. Não se precisa da ciência (um dos autores é Tertuliano). O diabo inventou a ciência para nos desviar da fé.

- *Gnosticismo* → os gnósticos dizem que a bíblia é muito útil para os ignorantes. O gnosticismo afirma que o mecanismo pelo qual conhecemos Deus é por meio da razão. Uma das correntes é o maniqueísmo: é criada por uma pessoa chamada Mani. O maniqueísmo diz que existe uma realidade para além daquilo que os olhos vêem. Existem dois deuses: o deus do antigo testamento (um deus irado, as trevas, a carne) e o deus do novo testamento (um deus que acolhe, a luz, a alma). Esses dois deuses estão em uma batalha cósmica. Nós, seres humanos, estamos em um conflito cósmico que existe no universo. O mal e o bem também dentro de mim estão em conflito. Eles são igualmente poderosos. Por causa disso, o Deus do bem, a luz, envia emissários. O nome grego para

isso é Aeons. O primeiro é Moisés, o segundo é Jesus e o terceiro é Mani.

Esses Aeons vem a terra escondidos (para não se revelarem ao Deus do mal), procurando pessoas que se demonstrem dignas. Os Aeons vão revelando gradativamente esse conhecimento para essas pessoas. Nos finais dos tempos, haverá uma ecatombi em que, por meio desses aliados, o Deus do bem vencerá o Deus do mal. O deus do mal será preso na carne, no inferno. Os homens que não se libertaram da carne vão junto com esse Deus. Os que se libertarem vão com o Deus do bem.

Ao contrário do maniqueísmo, o cristianismo sempre foi uma doutrina pública. Evangelho de judas: evangelho apócrifo (o critério para distinguir um evangelho apócrifo é ele não ser citado por outros; e não ser coerente com os outros).

- *Agostinianos*: colaboração entre fé e razão. Sem a fé a ciência é morta. Sem a razão (a ciência), a fé é cega. Isso marcará o grande esforço da patrística.

Patrística: século II a VII → consolidação da fé cristã pelos Padres da Igreja. Período de Santo Agostinho. É sobretudo de concepção platônica

Escolástica

- *Primeira escolástica*: Surgem as universidades da Europa, surge a questão dos universais, momento de Santo Anselmo, Santo Abelardo.

- *Segunda escolástica*: Período áureo da escolástica. Estuda-se Aristóteles. Período de Santo Tomás de Aquino.

- *Terceira Escolástica*: começam a utilizar o método escolástico para criticar a própria metafísica escolástica. Período de Guilherme de Ockham.

Obs: Se a patrística é platônica, a escolástica é aristotélica.

04/10/11

Agostinho, Aquino e a Escolástica

Santo Agostinho:

Santo Agostinho vai iniciar a chamada *metafísica da interioridade*. Todos os filósofos gregos buscavam fora de si uma resposta às questões. Agostinho, ao contrário, vai buscar em si as respostas. Em certo sentido, isso é começado por Sócrates e radicalizado por Agostinho.

O mecanismo pelo qual descobre-se, transporta-se a *natureza externa* para o *interior* são os próprios *sentidos*.

Qual é o problema dos sentidos? Eles são aptos a observar coisas finitas. Contudo, Deus é eterno. Então, como podem os sentidos ver aquilo que é finito e conhecer o infinito, que é Deus?

Apesar dos sentidos conhecerem coisas finitas, ele revela algo de Deus: que as coisas finitas foram criadas por um ser infinito.

Função da alma: A alma funciona como presidente do tribunal. A alma, para chegar a uma decisão, precisa da ajuda dos sentidos. Contudo, é a alma que tomará a decisão.

Quando Agostinho analisa o furto das pêras, ele observa porque nós praticamos os pecados: *porque nós somos naturalmente maus*. Nós temos uma tendência ao mal, um mau intrínseco a nós mesmos. Onde existe o tempo? Na mente. O tempo não existe na forma das coisas. Ele é um mecanismo pelo qual o homem compreende a realidade. O tempo é um modo como eu leio a realidade.

Livre arbítrio: capacidade de escolher, e, portanto, pecar. Quanto mais possibilidades são oferecidas para o homem, maior é a chance dele errar (ex: em uma prova de múltipla escolha, a chance de errar é maior em 4 alternativas do que em 2; em 8 do que em 4, em 10 do que em 8 e assim sucessivamente). *O livre arbítrio é inseparável da capacidade de errar*.

“Hamartia” : pecado. Etimologicamente, é uma má avaliação.

Liberdade: etimologicamente vem de um termo jurídico. Tinha-se três status para as pessoas: cidadãos, escravos e os libertas.

O que é que um escravo tinha que merecer para ser livre? Ele só o era se fosse colocado por um ato de vontade do senhor. Para ser livre precisava-se 1: não estar influenciado; 2: independentemente da vontade do senhor.

“Ama e faze o que quiseses”: Se eu amo, eu só posso querer o bem. Portanto, só posso querer as ações que façam o bem para as pessoas.

Liberdade: A liberdade consiste no poder de resistir ao mal. Nós só somos de fato livres se obedecemos a lei. A questão de liberdade não está no escolher e no não escolher. *A vontade livre é uma falsa liberdade*, uma liberdade rebelde. *A verdadeira liberdade consiste no obedecer as leis*. A liberdade consiste em sermos colocados fora da influência do senhor. Uma vez que nós somos colocados fora da influência do mal, não precisamos mais escolher. Só tenho que escolher quando formos influenciados por dois princípios: o bem (a lei de Deus) e o mau (a vontade própria). A justiça tem que ser entendida em função dessa ideia de liberdade.

A cidade de Deus: Agostinho acreditava que toda a sociedade humana pode ser fundada por dois princípios: o egoísmo e o altruísmo

Existem dois princípios para todas as associações humanas: o amor a Deus (altruísmo) e o amor a si próprio (egoísmo). Para Agostinho, uma sociedade só pode durar eternamente se ela for baseada no altruísmo. Isso se reflete no conceito de justiça do Estado. O Estado só é justo se for baseado no altruísmo. E a justiça é o que diferencia o Estado de um bando de ladrões. A justiça é que, na opinião de Agostinho, vai fundamentar a legitimidade de um Estado.

Há duas motivações que levam as pessoas, por exemplo, a se casar: pelo meu próprio bem, o egoísmo, e pelo bem do cônjuge, o altruísmo.

Escolástica

Contexto da escolástica (características):

●**1o**: *surgimento das universidades*. A filosofia passa a ser praticado por professores, por causa do surgimento das universidades. O surgimento das universidades se dá sobretudo pela atuação de Francisco e Domingos. Eles pretendiam que a Igreja fosse pobre. Eles propõem que seus irmãos vivam das esmolas do povo. Eles precisam de contato com o povo. Assim, eles criam conventos dentro das cidades e criam as ordens dominicana e franciscana. E é a partir desses conventos que surgem as primeiras universidades: Bolonha, Oxford e Paris.

●**2o**: *Reflexão filosófica*: será influenciada agora por Aristóteles.

●**3o**: *Método escolástico*: lectio: lição → quaestio: objeção, questionamento da lição → disputatio: refutação das objeções de que Deus não exista → determinatio: grau maior de certeza. As lições são mais certas, menos duvidosas

●**4o**: Se a questão de fundo da patrística era o embate entre fé e razão, a questão de fundo da escolástica é o problema dos universais. Qual era a natureza desses universais? Porque podemos dizer que a altura é universal (ou não o é)? Três correntes definem tal:

Realistas: os universais eram entidades subsistentes em si mesmas.

Nominalismo: os universais são apenas palavras. As palavras não refletem nenhuma essência. A altura é uma característica comparativa. Os universais, como por exemplo a altura, são apenas palavras (flatus vocis)

Realismo moderado (Abelardo: Dialética medieval → sic et non.): a existência dos universais não existe como coisa, como conceito em si. Os universais existem como conceitos da mente, através do qual compreendemos a realidade. Existe sim a altura, mas como conceito mental.

Santo Tomás de Aquino

A filosofia de Tomás de Aquino envolve o problema dos universais. Em certo sentido, Aquino cristianiza Aristóteles. Segundo Aquino, o conceito central para compreender a justiça é a ideia de bem comum. É a comunidade que fundamenta a justiça

O que é o direito de cada um, se justiça é dar a cada um o que é seu? A questão é indecidível se se considera somente a vontade dos indivíduos. É o bem comum que diz objetivamente, não subjetivamente, o que é a justiça. Para isso, quem governa uma sociedade precisa emitir leis. A sociedade precisa ser o universo, que também emite leis para governá-la. Que leis são essas que Deus utiliza para governar o universo?

A primeira delas é a *lei eterna*: ela é a *ratio* de Deus. Quando ele diz que é a *ratio*, não se está pensando na razão de Deus, mas sim na ordem e medida de tudo que é criado. O reflexo e a ordem de Deus é que reflete a lei natural.

Lei natural: inclinação a fazer a ordem e medida. É fazer o bem e evitar o mal. É o fundamento de autoridade da lei humana.

Lei humana: Se a lei humana afasta a lei natural, essa lei afasta a inclinação do direito natural. É daí que se tem o conceito de *síndese*: capacidade de captar na natureza a lei natural e fazer a lei humana. Contudo, apesar de que Deus saiba que somos tendentes ao bem, minha razão é imperfeita, podendo se desviar da natureza. Para evitar o desvio insuportável, tem-se a Lei Divina.

Lei divina: é a *ratio* de Deus manifestada diretamente ao homem na revelação das escrituras (10 mandamentos). Ela evita o desvio da natureza.

11/10/11

Macintyre e O clube do Imperador

O que significa viver conforme as virtudes?

Fracasso do projeto iluminista → fracasso da ética universalista

Emotivismo: único padrão que nós temos para avaliar as condutas humanas é o prazer.

Os juízos morais são um modo de demonstrar afeto a alguém. Uma ética assim, para Macintyre, profundamente racionalista, não é uma ética. Macintyre propõe uma ética aristotélica: a única coisa que permite dar um sentido à vida, é dar uma finalidade, um *telos*.

A primeira observação de Macintyre é que não existe uma relação entre as virtudes.

Homero: a relação de quais são as virtudes depende de qual é o conceito sobre o que é o homem.

Para Homero, as virtudes são as virtudes do guerreiro, que é o homem.

Para Aristóteles, o modelo do homem é o cidadão ateniense.

Para o Cristianismo, o modelo do homem é uma pessoa que se separou de sua glória.

Jane Austen: o modelo do homem é calcado na “amicabilidade”. Os personagens de Jane Austen são amigáveis, corteses.

Para Benjamin Franklin, o modelo do homem é o homem republicano. As virtudes serão a modéstia, a temperança e a castidade (economizar o prazer do corpo).

Dependendo do conceito de homem, temos modelos distintos de virtude. Para Macintyre, as virtudes são as qualidades que capacitam o indivíduo a atingir o seu *telos*. E para explicar isso, Macintyre propõe o conceito de *bem interno*

Logo, as ideias de Macintyre giram em torno do bem interno, do *telos* e da vida boa.

Agnes Heller: não existe um conceito único de vida boa. Independentemente do modelo de vida boa que se se considera como sendo a vida boa, independente da finalidade, a justiça é sempre uma condição de vida boa. A justiça é uma vida boa. Mas ela é só uma condição. A justiça é só uma condição necessária para a vida boa. Independentemente do modelo de vida boa, ela envolve três coisas:

- Certeza
- Desenvolvimento dos dons e talentos. Quem não desenvolve as próprias habilidades e aptidões permanecerá frustrado
- Profunda emoção nas relações interpessoais

A justiça envolve um aspecto formal e um material. São as condições para exercer a vida boa.

Para tentar explicar o bem interno, Macintyre lança mão do conceito de *prática social*: forma coerente e complexa de atividade cooperativa

Exemplo da orquestra: o que aconteceria se na orquestra cada músico encarasse o ato como uma competição? O que faz com que uma orquestra funcione são as habilidades técnicas (arte de seu instrumento) e a *colaboração entre as várias atividades*. Ora, é num conceito de prática social que

Macintyre definirá o que é uma virtude. *Virtude* é uma qualidade humana adquirida, cuja posse e exercício costuma nos capacitar a alcançar aqueles bens internos às práticas e cuja ausência nos impede, para todos os efeitos, de alcançar tais bens.

Não se pode definir algo pelo seu bem externo (por exemplo: não se pode definir o direito pelo dinheiro, pois o dinheiro é um bem externo ao direito)

Qual é o bem interno do Direito? A justiça

Qual é o bem interno da Medicina? A saúde

Só conhece bem a prática de sua área quem compreende o seu bem interno. O bem interno é o que define uma área.

Qual a diferença entre o bem interno e o bem externo? Porque é que o bem interno é o estruturante de uma prática?

- O bem interno só pode ser atingido pela prática. A justiça só pode ser atingida pelo direito. A saúde, pela medicina. Cada campo tem o seu próprio bem interno. O bem externo pode ser produzido por qualquer prática.

- O bem interno é de posse coletiva. O bem externo é de posse individual.

- O bem interno tem a ver com a vida boa. O bem externo tem haver com o sucesso.

Instituições: o modo de universalizar é racionalizar. Mas quando racionaliza-se, potencializa-se a prática. O que as instituições fazem: preocupação dos bens externos que viabilizam a prática.

Contudo, as instituições se corrompem. Com o tempo, as instituições passam a procurar o bem externo.

Sobre o filme:

O filme é baseado em um romance, *The Palace Thief*

William Hundert: Hundert é 100, em inglês arcaico. Isso quer dizer que ele é cem por cento virtuoso. A única coisa que pode frear o poder corruptor das instituições são as virtudes. William Hundert representa as virtudes.

Sidwick Bell é o antagonista da história. Ele é emotivista. Para ele, o único critério que temos para avaliar uma ação é o prazer proporcionado. Só se pode avaliar as ações pelo prazer que elas proporcionam. Sidwick Bell está em busca do prazer, um bem externo, e não do bem interno da escola, que é a educação

Diretor: Woodbridge → ele é uma ponte, uma ponte de madeira, que liga os dois personagens.

Quando Sidwick Bell cola pela primeira vez o diretor diz: “deixe-o passar”.

Escola São Bento (St. Benedict's school): Trostky, Nietzsche e a Escola São Bento: A única coisa que permitiu a sobrevivência da cultura ocidental, após o ataque dos bárbaros são os mosteiros, criados por São Bento. Para Macintyre, os bárbaros, agora, não estão mais vindos de fora, mas sim de dentro dos muros.

Sob a mitra do Bispo: non sibi → não para si próprio. Quem procura fazer apenas o seu bem particular destrói a comunidade. Quem procura fazer o bem para comunidade, esse sim, é o que engrandece a comunidade.

Finis pendet origini → o fim depende do princípio. A origem condiciona o fim.

O quarto personagem importante na história é James Ellerby. Quando morre Woodbridge, Hundert quer se tornar diretor da escola. Contudo, os alunos não querem perder o melhor professor da escola.

James Ellerby: é quem tem contatos, amigos e que precisa arrecadar fundos → isso tem a ver com o poder corruptor das instituições.

Senador Bell: “você não moldará o caráter do meu filho, sou eu que o moldará”. De fato, Bell é muito eficaz no plano de moldar o seu filho.

Louis Massoud: “é melhor para grama andar pelo caminho”. O professor diz: “Não, é melhor para você”. A disciplina de andar pelo caminho é o bem interno.

Martin Blythe: ninguém que deixe uma contribuição é importante para a sociedade. Sem contribuição, ninguém passa pela história.

O professor pergunta o nome de cinco imperadores romanos para Sidwick Bell.

Aristófanes: a imaturidade envelhece, a ignorância é curada e até mesmo a embriaguez termina. Contudo, *a estupidez é eterna*.

No quarto de Bell, ele tem uma mala, que tem tudo que é proibido na escola. Revista erótica francesa: publicavam os pelos pubianos. Qual era o nome da revista? *Genesis: o fim depende do princípio*.

Princípio de Bell x Princípio promovido pela educação da escola (de Hundert)

Genesis (grego) significa princípio.

Frases do quarto do Bell: desconhecer aquilo que ocorreu antes de nascer, é permanecer para sempre criança. O que separa os homens das crianças é que as crianças não sabem de onde vieram. Aqueles que ignoram o seu passado são crianças.

Blythe: foi trapaceado pelo professor. 25 anos depois ele leva o seu filho para ser educado na mesma escola pelo mesmo professor. Ele reconhece, apesar do erro do professor, que ele tem as virtudes necessárias para educar o seu filho. As virtudes são adquiridas por meio da cópia, do exemplo do outro, pela repetição..

A questão central do filme é a seguinte: qual a diferença entre Sidwick Bell e o professor que prejudica Martin Blythe para beneficiar Bell? Diferentemente de Bell, Hundert se arrepende pelo que fez. Durante 25 anos ele se arrependeu do que fez. Aristóteles diz exatamente isso: não é a ação que permite julgar os homens. É a reação diante das ações que permite tal. A diferença entre Bell e Hundert não é que um errou e outro não. Ambos erraram. É que Hundert se arrepende. “O caráter de um homem é o seu destino”. Bell está condenado a praticar o que ele cometeu. O fim depende do princípio.

Em detrimento de Blythe, o professor investe em Bell.

Bell diz uma frase: “Nada é muito importante aos quinze anos”. É exatamente o contrário. O fim depende do princípio. Não há dúvida que quem cola hoje pode futuramente subtrair uma prova do processo. O caráter é uma segunda natureza, adquirida. Mas há um limite para isso: nós adquirimos o caráter quando jovens, pela cópia e repetição.

Depois que o caráter se fixou, está-se condenado.

Paideia: paidos é criança. Pediatra é o médico do paidos. Paideia é o processo de formação pelo qual a criança se torna um homem.

14/10/11

Hannah Arendt → analisa a mudança de mentalidade do século XVI no livro *Condição Humana*.

Três são grandes pontos que marcam a modernidade:

- Grandes navegações
- Revolução científica
- Reforma protestante

Esses eventos correspondem à emergência de uma mentalidade nova. Exigia-se uma nova ciência, um novo espaço físico.

Revolução Científica

O primeiro dos eventos que vai produzir uma profunda mudança na mentalidade ocidental é a revolução científica.

“As revoluções das órbitas celestes”: escrita por um padre, Nicolau Copérnico

Desde Aristóteles, o modelo da Terra como centro do universo, tinha um problema: os planetas que eram vistos a olho nu não se comportavam como os outros astros do céu. Todas as estrelas nascem no leste e se poem para oeste, num movimento contínuo. Quando se observa os outros planetas, eles tem um comportamento esdrúxulo.

Planeta, etimologicamente, significa vagabundo. Os planetas, como se nascessem no leste e caminhando para o oeste, paravam no seu percurso e voltavam um pouco na sua trajetória. O movimento dos planetas não podia ser explicado pela teoria de Aristóteles.

No século II, Ptolomeu escreveu um livro na qual propõe uma correção na teoria de Aristóteles. Os planetas, diferentemente do sol e da lua, realizam aquilo que Ptolomeu chamou de epiciclos. Isso

explica o movimento retrógrado dos planetas.

Guilherme de Ockam → está ligado ao fim da escolástica (metafísica) medieval. “Toda vez que há duas explicações para um fenômeno, a correta é provavelmente aquela mais simples.” Isso recebe um nome na ciência, que ficou conhecido como *navalha de Ockam*. Recomendação de filme: “Contato”.

Copérnico: será que existe uma explicação mais simples para o movimento dos planetas? Proposta de Copérnico: pressupõe que todos os astros giram em torno do sol com a mesma velocidade, só que as órbitas são diferentes. Para que a terra percorra toda essa órbita, ela gasta 365 dias. Como a órbita de Mercúrio é muito menor, ele gasta só 80 dias.

Galileu Galilei: defende as teorias de Copérnico. Ele fez algo que Copérnico não fez: construiu uma luneta muito melhor do que as lunetas árabes. A segunda coisa que Galileu faz é dar uma função diferente para a luneta: resolve olhar o céu, sendo não mais um instrumento militar. Galileu descobre que havia manchas no sol e crateras na lua. Além disso, ele observa que Vênus tem fases, como a lua. As vezes Vênus se apresenta com uma fase cheia, minguante, etc. Se Vênus gira em torno da terra, não há razão de ter fases. A única possibilidade de que Vênus tenha fases é que Vênus não tenha uma luz própria, mas que é uma reflexão das luzes do sol. Destarte, Galileu Galilei encontra provas de que os astros giram em torno do sol.

Para os aristotélicos, o cometa era algo que trazia maus agouros, pois o seu movimento não se encaixava com os movimentos dos astros como um todo. Seu movimento não era perfeito.

Galileu Galilei: “O mensageiro das estrelas”; “Diálogo entre dois sistemas de universo”

O que a nova ciência vai fazer é tomar uma metafísica diferente da metafísica aristotélica. A primeira ideia da metafísica aristotélica é de que todos os corpos tendem ao repouso. O repouso, a imobilidade é o estado natural dos corpos. Newton vai descobrir a inércia e contrapor tal fato: um corpo em movimento tende a permanecer em movimento. Só uma força contrária poderá repelir essa tendência natural dos corpos.

Enquanto que o universo aristotélico pressupõe o repouso, a física moderna pressupõe o movimento.

Até o século XVI, não existem revoluções. As revoluções políticas são um fenômeno tipicamente moderno. Isso pressupõe que os corpos sociais não estão fixos em um ponto. Eles estão em movimento. As teorias medievais pressupõem a imobilidade social. Não há mobilidade entre os estratos sociais. Não é uma coincidência o nome que Copérnico dá a sua obra: “*Revolução dos corpos celestes*”

Weber: todas as revoluções ocorridas antes da modernidade são anti-revoluções

Galileu foi influenciado pela perspectiva tridimensional renascentista, quando olhou para os astros. Outra mudança na metafísica é que a física de Galileu é baseada na quantidade e a aristotélica na qualidade. Uma pedra cai por que ela é terra (Aristóteles, qualidade). Já para Galileu, a pedra cai devido a força da gravidade – algo que seria posteriormente tomado como quantitativo, em uma fórmula matemática de Newton.

Qualidade para quantidade → também influencia a política. Na Idade Média o rei governa pois é qualitativamente diferente dos outros (aristocracia). Na Idade Moderna quem governa é aquele que tem maioria quantitativa (democracia).

Grandes Navegações

O primeiro Estado Nacional da Europa foi Portugal (século XIV). Portugal dominou geograficamente o mundo no século XVI. Não é a toa que somente as línguas portuguesa e inglesa são faladas em todos os continentes.

Grandes navegações: marcam uma profunda mudança na mentalidade das pessoas. Os portugueses se encontraram com civilizações tecnicamente mais avançadas como também com civilizações mais alegres.

Pedro Vaz de Caminha: os índios estavam sem vergonha. Caminha ficou impressionado com isso, fazendo um paralelo com Gênesis. Achava que os portugueses estavam chegando ao paraíso.

Sérgio Buarque de Holanda “Visões do paraíso”: encontro de dois mundos.

O que as grandes navegações fazem? Assim como a revolução científica tira o mundo do centro, as navegações tiram a Europa do centro. O único centro que sobrou era a Igreja Católica. Esse centro começa a ruir em 31 de outubro de 1517, dia da Reforma do Protestante.

Reforma Protestante

Lutero: era um padre da Igreja Católica, um monge agostiniano. Não tinha intenção inicial de romper com a igreja, mas tinha a concepção de que a prática da venda das indulgências era imoral. Século IV → invenção de um lugar intermediário entre o céu e o inferno: o purgatório. No purgatório, purificaria-se os pecados. A partir do século V, as pessoas começaram a receber cartas de indulgências do purgatório. No século XII foi abandonada. No século XV um projeto foi retomado pelo Papa Leão X, de construir em Roma, sob supostamente o local em que São Pedro tinha sido sepultado, o maior templo do mundo. Sulleiman e Santa Sophia. O papa, para tal, autoriza a venda de indulgências

95 Teses de Lutero:

- *Teses teológicas*: a venda das indulgências é imoral
- *Teses eclesiológicas*: teses contra o papa. Porque o papa cobra para que se perdoe os pecados?
- *Teses políticas*: o problema da venda das indulgências é que torna os ricos mais ricos e os pobres mais pobres.

Existe um detalhe sobre o documento (as 95 teses): o texto não foi escrito em alemão, mas sim em latim. Alguém, por contra própria, traduziu o texto para o alemão e isso começou a ser propagado.

1520: textos de ruptura de Lutero

Primeiro Texto: “A liberdade dos cristãos” → o cristão não está sujeito a nenhuma autoridade humana;

Segundo texto: a igreja de Roma não tem poder sobre a igreja da Alemanha;

Terceiro texto: todos os outros sacramentos, que não o batismo e a ceia, não são sacramentos. Isso é dizer que a ordem não é um sacramento. A teologia medieval fazia uma distinção entre o povo, o leigo, e os padres. O sacramento da ordem tornava os padres diferentes do leigo. Ora, se não existe tal sacramento, os padres não são diferentes dos pastores.

“Sacerdócio universal dos crentes”: sacerdote é aquele que no antigo testamento colocava o povo em contato com Deus. Todos os fiéis são sacerdotes, pois assumem o contato com Deus, internamente. Dessa forma, Lutero acaba com uma tese fundamental da Igreja Católica: *não existe mediação entre Deus e os homens por meio dos padres, pois todos os humanos são sacerdotes.*

Lutero diz que todos são iguais: os pastores protestantes não são diferentes do povo, ele são eleitos do povo. Isso faz a emergência de um novo fundamento político: a igualdade entre os crentes reflete na igualdade das pessoas. A eleição dos pastores reflete na eleição dos representantes, de forma igualitária.

Uma segunda tese que decorre disso é a livre interpretação das escrituras. Dieta → reunião da corte do Sacro Império Romano Germânico.

Carlos exige na dieta que Lutero renuncie ao que ele tinha escrito. Lutero retorque: “não renunciarei a não ser que me prove o contrário, com a simples razão ou com as escrituras.”

O protestantismo diz que não existe uma autoridade que interpreta as escrituras. Cada homem pode, com sua simples razão, interpretar suas escrituras. O nome que se dá a isso é *livre interpretação das escrituras*.

O que que o termo protestante significa? O termo protestante vem da tensão política entre os príncipes e o imperador do Sacro Império Romano-Germânico. Porque isso é importante? Porque isso prenuncia o que estava ocorrendo no ocidente: o surgimento de novas igrejas: Igreja Presbiteriana, Anglicana, Calvina, Puritanos. O mapa do mundo era uma única cristandade. Agora são várias religiões distintas, vários países distintos (não interligados mais pela religião).

Grotius: “Se nós não podemos encontrar mais uma ligação na religião, devemos encontrar a ligação na razão” → daí se cunha a invenção do *direito internacional*.

As referências que existiam antes para a ação humana começam a ruir. A teologia de Lutero antecipa já uma nova referência: o indivíduo. Agora, ao invés de recorrer a um padre, recorre-se a

minha própria consciência. Essa é uma época de descentramentos.

Página 124 da apostila: pintura de Michelangelo, da criação do homem. Capela do papa Chisto: capela Cistina. Deus tocando o dedo do homem simboliza Deus dando vida ao homem. No centro do cristianismo, revela-se essa nova ideia do indivíduo.

O segundo quadro, a Monalisa, é o primeiro quadro cuja intenção é retratar o indivíduo. Antes, na Idade Média, isso era inconcebível. Retratava o universal concreto, aquilo que as pessoas representavam. Se se representava um rei, este era representado sentado em um trono. O indivíduo Monalisa é a mesma em qualquer lugar.

Van Naickel: Casamento dos Arnoufini(?): a jovem representa ostentação de riqueza. Ela levanta o vestido e ainda assim não é descoberta: “tecido demais”. Arnoufini também representa sua ostentação com suas vestes e com um candelabro, que somente era encontrado em palácios. O espelho, um espelho convexo era extremamente caro na época. Para que servia um espelho convexo? Para nada, ele distorce a imagem. É só uma ostentação. O homem moderno, o indivíduo, não vale pelo o que ele é, mas pelo o que ele tem. A ostentação é a condição que nós temos para sermos valorizados aos olhos dos outros. O homem moderno é vazio, ele não vale pelo o que ele é, mas, novamente, pelo o que ele tem. Não é somente Arnoufini que também quer ostentar, como também Van Naickel. O quadro é assinado por Van Naickel, indicando que “Van Naickel assistiu a esse casamento”. → ostentação do próprio pintor do quadro.

21/10/11

Questionário sobre o Liberalismo

Questionário

- 1) Separaram a vontade pessoal do governante da vontade coletiva. Em outros termos, eles separam o espaço público do privado.
- 2) As relações da família eram assimétrica, desiguais. A política é um espaço dos iguais, o despotismo afastava os desiguais.
- 3) O espaço público é colonizado pelo espaço privado. Deus é o pai, o rei é o pai.
- 4) Inventando as repúblicas: a república de Florença, por exemplo, é regulada principalmente por leis. Reinventa-se o espaço.
- 5) O burguês não é um universal concreto. Ele tem a pretensão de condensar em si todas as classes. O projeto burguês é a ideia de autonomia: independência na vida privada.
- 6) O poder político não poderia ser regido por valores éticos. Maquiavel separa a esfera pública da privada, não havendo conexão entre as esferas. Nos gregos, por exemplo, havia separação. Mas a esfera pública era a esfera ao mesmo tempo da política e da ética. O espaço público era a esfera da economia (oikos significa casa). Na modernidade o público é campo da política, o privado, da ética.
- 7) Capitalismo, liberdade entendida como livre-arbítrio e contrato social.
- 8) Porque a simples soma leva a alteração da natureza deles?
- 9) O problema é que se reivindica que a liberdade é o fundamento da política, a liberdade é um valor ético. Então existe um valor ético na política.
- 10) O homem é tratado como coisa.
- 11) Nenhuma autoridade poderia ser despótica. É possível tratar os fins com meios não violentos. A redefinição de liberdade como poder de recriar o novo é útil para ambos os campos.
- 12) A forma política é a democracia e a liberdade é tratada como forma de direitos não iguais. A política ensina para a ética que nenhuma autoridade despótica é legítima.

Anotações sobre Chauí e Bornheim

Identidade entre poder e figura do governante na Grécia Antiga. O governante era encarnação do poder. Ele era o autor da lei, o autor da recompensa, do castigo, da justiça. Antes dos gregos e dos romanos, a característica do poder era a identidade entre o governante e o poder. A vontade do governante era a lei.

Que fizeram os gregos e os romanos? Eles inventaram a política. Criaram a ideia de um espaço em que o poder existe por meio das leis. As leis não exprimem uma vontade única do governante, mas sim uma vontade coletiva, através da deliberação, discussão e do voto. Os gregos e os romanos

submeteram algo que concernia a totalidade dos cidadãos, criando portanto a esfera pública: ninguém se identifica com o poder, a vontade de ninguém é lei, a autoridade é coletiva e pública. Os gregos e os romanos distinguiram com muita clareza a autoridade pública e privada. A autoridade privada, que detém essa autoridade através de sua vontade, o chefe de família era chamado de despotes. Quando a autoridade era despótica, a autoridade privada tinha tomado o espaço público, o que era a corrupção política. Isso criará um problema no campo da política. Se para os antigos era no espaço público que a ética era organizada, com o advento do cristianismo o espaço ético era o espaço privado. Como haverá uma autoridade no espaço público cristão se a autoridade e a ética era pensada no espaço privado? “Deus é pai, seus filhos sua família”. Do poder cristão, o poder teológico, o governante era uma figura privada. A ética era a ética da pessoa governante, é ele que tem que cumprir o dever. Das qualidades do governante é que dependem todos os vícios e virtudes.

É dessa esfera que se reconfigura a modernidade. Na modernidade, há uma reconfiguração do campo público. A burguesia surge no século XV → o individualismo é a base de todo o processo da cultura burguesa. O individualismo configura a passagem do teocentrismo medieval para o antropocentrismo moderno.

A primeira característica do homem burguês é a autonomia. É a partir do conceito de autonomia que se faz referência ao pensamento de Descartes. A experiência absoluta de Descartes não é uma experiência exterior, mas sim um processo dentro do homem. É por exemplo a ideia de biografia que surge no processo moderno. A biografia de Sto. Agostinho representa uma relação entre o universal e o concreto, quer dizer trilhar o caminho da santidade. Toda biografia antes da modernidade era algo que se representava o caminho que o homem percorria de modo a se universalizar. A biografia de Marco Polo é um exemplo disso. A biografia da modernidade, como por exemplo de Rousseau, não se afastava do plano cotidiano e não tinha essa tendência de se universalizar.

O segundo exemplo é a pintura. Antes da modernidade, o que se apresentava era o universal: os heróis, os reis, as epopéias. Os universais concretos funcionam como paradigma para os homens que compõem uma certa comunidade. Nos retratos modernos, o que se apresentava era uma pessoa anônima que pagava para poder ter o seu retrato. O burguês sem ser herói, sem ser rei, pode ser retratado.

Como o poder estava marcado pela ética da esfera privada, os novos pensadores tendem a desenvolver a esfera pública. A res pública, o poder político, não pode ser regido pelos valores do espaço privado, pelos valores da ética, da virtude (ex: Maquiavel). O privado é o campo da ética. Já o público é o campo da política. A ética e a política são separadas. O campo da política é regido pela lógica das relações de força. É preciso lidar com esses conflitos, com essas divisões de um modo tal que a política não seja guerra, não seja pura força. Isso se faz para que a política simbolize uma unidade. O importante é a qualidade da lei, das instituições, das decisões e não mais se as pessoas do campo político são ou não virtuosas.

O homem, para se impor ao outro, tem de lançar mão de certos recursos: o capitalismo. Marx: “em última instância, tudo é econômico”. A grande transformação que se estabelece aqui agora é que a moeda é alienada de sua característica fundamental de troca, de realidade abstrata e passa a ser um fim em si mesmo.

O burguês elaborará um outro conceito de liberdade e quem elabora esse conceito é Descartes. A inovação da liberdade reside em dois pontos:

Para ele liberdade e livre arbítrio são a mesma coisa

Em segundo lugar, o livre arbítrio se entende a partir da autonomia do homem burguês.

Princípio da manipulabilidade e livre arbítrio como essenciais do pensamento de Descartes.

A última característica profundamente burguesa é o contrato social. É o problema da coletividade, de como ela se organizará.

A crise do burguês ocorre já no nascimento, pois a dimensão coletiva do homem fica marginalizada, em nome da afirmação da moral individual.

Thomas Hobbes:: “o leviatã” → o homem é o lobo do homem. A vida coletiva se torna totalmente

impossível. O projeto burguês é inexecutável se o homem é o lobo do homem. Então como se construirá o projeto burguês?

A esfera da sociedade civil que é onde os indivíduos existem é a esfera da vida privada. Se a esfera da vida civil é a esfera da vida privada, a base do Estado são as relações privadas baseadas na lógica burguês. A sociedade moderna, ao criar a sociedade civil, como um mercado faz com que a esfera pública, que é uma esfera social, se torne uma esfera privada. Como é que o Estado se tornará uma esfera pública?

A primeira dificuldade é que o homem e os seres humanos são diferentes de todas as outras coisas: todas as coisas que existem estão submetidas às leis necessárias da natureza. A natureza é um enorme sistema de causas e efeitos, algo que é chamado de determinismo. A relação de causa e efeito é uma relação necessária. Na natureza não existe jogo, liberdade. Ao contrário, a marca dos seres humanos é a liberdade. Eles não agem por causa e efeito. Eles agem escolhendo os fins, com decisões. Portanto, o reino é diferente do resto da natureza. Essa separação entre a natureza e os humanos se deu a partir de um critério que é fundamentalmente a liberdade. Se a política se inteirará com um critério da liberdade, da justiça, o valor da política é um valor ético. Então, a separação entre ética e a política se dará em um campo comum. O aparecimento desse fundamento comum entre a ética e a política que é a liberdade trará um complicador.

Ao se afirmar que todos os homens, todos os seres humanos são livres, é afirmar por causa disso que todos eles são iguais. De fato, na prática, essa igualdade não existe, muito pelo contrário. Essa desigualdade introduz o problema da violência. A desigualdade real faz com que falar da liberdade como critério da vida ética, torna a ética como um critério irreal e torna a política como incapaz de realizar a liberdade. Violência é todo ato pelo qual o ser humano é tratado como desprovido de sua comunidade. Ele é tratado como uma coisa. Há três critérios pelos quais a ética

Primeiro critério: Subsídio da ética pela política. Tratar um ser humano como objeto. Se a política não tratar os homens como coisas, tem-se uma política ética.

Segundo critério. Embora a ética se realize no campo privado, nenhuma autoridade é legítima se ela for despótica, se ela se realizar como expressão da vontade individual, injustificada. Neste caso, a política auxiliará a ética, quando afasta da política essa autoridade despótica. A política auxilia na luta contra as formas arbitrárias. Não basta que os pais, os avós, o patrão sejam somente éticos, como também políticos

Terceiro critério: a liberdade como um poder de criar o possível. A liberdade é a capacidade de fazer com que os seres humanos reinventem novo. Dessa forma, a liberdade pode reconstruir a esfera pública e a esfera privada.

Forma ética: liberdade através dos direitos. A compatibilidade entre a ética e a política só pode ocorrer quando o campo da política permite o tratamento dos conflitos. Dá-se a ética um conteúdo público e a política um conteúdo moral, o que se concretiza principalmente em um campo democrático. O ideal ético da visibilidade só pode ser realizado na prática política, e vice-versa.

25/10/11

KANT

O que é *crítica da razão pura*: a razão vai avaliar os próprios limites da razão de conhecer algo.

Kant vai procurar dizer que o conhecimento da natureza é possível, mas que o conhecimento para além da natureza não é possível.

Crítica da razão prática: procura um fundamento da moral para basear a ação humana.

Crítica da faculdade de julgar: todas as ações da natureza são determinadas causalmente, mas a ação humana é livre. Como a ação humana pode ser determinada?

Para se compreender bem a filosofia kantiana, deve-se observar que o modelo de Kant é um modelo que se baseia em Newton. As leis de Newton são leis universais. Kant também quer elaborar uma moral que não valha apenas para os prussianos, para os europeus, ou para os seres humanos, mas para todos os seres racionais (qualquer ser dotado de razão). Exatamente por isso, Kant não pode usar o critério que Aristóteles baseou-se para formar a sua: a ética aristotélica é baseado no conceito

de felicidade (eudaimonia). O objeto que produz minha felicidade não é o mesmo que produz a sua felicidade.

Kant então precisa de outro fundamento para a moral. Kant parte então do seguinte pressuposto: tudo que existe na natureza está submetido a leis. Tudo que existe na natureza é determinado por uma causa anterior. Ora, se tudo está submetido a leis, *a ação humana não pode, em princípio, ser determinada como livre*. Kant, ao contrário, vai tentar outro caminho. Esse caminho foi iniciado por Rousseau.

Rousseau, no contrato social, vai tentar explicar porque o povo é livre. O povo é livre porque ele segue as leis que ele próprio determina. Isso significa autonomia (auto: próprio; nomos: lei). De fato, a palavra autonomia é equivalente a palavra liberdade. Liberdade e autonomia são a mesma coisa. Nós podemos ser considerados livres só se somos autônomos.

Não existe uma liberdade que signifique ausência de leis. O homem é livre se ele é autor de sua própria lei moral. Kant parte do pressuposto de que todos os seres possuem determinados fatos aos quais ele não pode fugir. O ser humano, por exemplo, possui determinados fatos que determinam o ser biológico dele.

Além do fato do ser biológico, existe um fato do ser natural: Faktum da razão → o homem constantemente forma princípios. Pode-se chamar isso de *consciência*, apesar de que Kant não utiliza essa palavra. Independentemente do que o indivíduo fizer, ele formula um princípio moral: “eu devo fazer x”.

O ser humano é o único dos seres que possui uma razão como a de Deus e um corpo como o dos animais. Deus não possui um corpo, portanto não sofre a influência de um corpo. Os animais não possuem razão, portanto não possuem influência da razão. O homem está entre os dois mundos: quando ele encontra a carteira, ele sofre a influência de sua própria razão “devolva o dinheiro!” e de seu corpo, algo chamado de *inclinação* “gaste o dinheiro!”. O problema do homem é que o homem é ao mesmo tempo razão e corpo, sofrendo influência de ambos. Por isso, apenas para o homem a moral é um problema. A moral aflora em momentos de conflito entre a inclinação e a razão.

Autonomia: liberdade → o fato de eu ter um corpo, uma sensibilidade, produz também inclinações. A razão pode seguir não o princípio que ela estabeleceu. Será que todos os princípios que a razão formula representam de fato a existência de deveres morais? Kant vai dizer que apenas com o homem existe algo que se chama dever: a necessidade de uma ação por respeito a lei. O homem não pode agir de modo distinto da lei. Os animais não podem agir de forma moral, pois para eles não existe razão e, portanto, não existe lei. Para deus não existe descumprimento do dever, pois ele é pura razão

Dever: necessidade de agir conforme a lei. A lei foi imposta.

Máxima: princípio subjetivo do eu, daquilo que eu quero.

Lei: princípio objetivo do agir, aquilo que vale universalmente.

Se existe uma lei moral, tal lei tem que valer universalmente. Todas as máximas são imperativos (ordens). Existem dois tipos de máximas (ordens):

Ordens condicionais → *imperativos hipotéticos*: são aqueles que prescrevem uma ação que é um meio para outro fim. Existem dois tipos de imperativos hipotéticos:

- *Imperativos hipotéticos técnicos*: se queres dilatar um metal, deve-se aquecê-lo. Esse imperativo somente descreve um evento natural, de causa e efeito. Ainda que esse imperativo seja universal, ele não vale, pois ele é uma relação de causa e efeito. Ele, de fato, não é um imperativo (ordem), mas ele é universal.

- *Imperativos hipotéticos da prudência*: se queres ter uma velhice tranquila, economize enquanto jovem. São imperativos que não são uma relação de causa e efeito. Contudo, não são universais.

Ordens absolutas → *imperativos categóricos*: aquele que prescreve que uma ação é boa em si mesma, não como condição para uma outra ação. Esse imperativo vale universalmente. Ele não prescreve uma ação como condição para outra ação. Uma ação deve ser realizada independente da consequência dela.

Kant vai apresentar várias fórmulas que podem ser resumidas em três formas: forma do reino dos fins, forma do legislador universal

O princípio para a ação não está mais fora de mim, pelo que a sociedade faz. Ao contrário, a moral interna, a moral racional passa a ser uma avaliação de crítica da moral da sociedade. A razão pode avaliar um costume: por isso uma metafísica dos costumes. Os costumes não são bons em si mesmos. Se não passarem do teste do imperativo categórico, as ações são um costume e não uma lei moral. É a *consciência interna* que é o critério. A consciência pode elaborar leis morais para qualquer ser racional.

Razão e vontade para Kant são termos equivalentes. A razão está constantemente elaborando máximas. Essas máximas devem ser submetidas ao teste do imperativo categórico. Se a razão, se a vontade segue essas leis que ela próprio elaborou, a razão, a vontade é livre. Se ao contrário, a ação segue a inclinação, essa vontade não é livre. Em outros termos, a fonte da moral é a razão individual. Para que aquilo que a razão formule seja uma ação moral, ela deve ser algo que valha para todos.

A função do dever, da moral não é nos fazer felizes. A função da moral é nos fazer dignos da felicidade. O dever em Kant é um fim em si mesmo. A felicidade não é um fim em si mesmo. Por isso Kant diz que é necessário que Deus exista. É preciso que em algum lugar eu seja recompensado pelo cumprimento do dever, pois o dever é, algumas vezes, angustiante.

As vezes a inclinação é tão determinante na vontade, que o indivíduo não pode ser reprovado. Nós sequer podemos considerar que tal pessoa é livre. (vide dois naufragos em alto mar que disputam para ficar com uma tábua de salvação).

Comparação Aquino e Kant: A inclinação para Santo Tomas de Aquino é intrinsecamente boa. Para Kant não. Para Kant, a inclinação não será algo moralmente bom.

O que é o direito em Kant? Moralidade e legalidade existem tanto na moral como no direito.

- *Moralidade*: tem haver com o motivo da ação
- *Legalidade*: tem haver com a exterioridade da ação humana.

Uma ação é legal se ela for conforme o dever. Uma ação é moral se ela for determinada pelo dever, se a causa dela for o dever.

Qual é o problema do direito? As pessoas agem nem sempre pela razão, mas sim pela inclinação. Para que minha liberdade seja possível, é preciso que a liberdade do outro seja limitada. Para que haja direito, é preciso que haja uma libertação recíproca da liberdade. O direito não diz nada, ele só é uma limitação recíproca. Eu limito sua liberdade sob a condição que você limite a minha. Uma limitação universal e recíproca. Se isso valesse só para um dos lados, isso não seria uma limitação, mas um uso da força.

O que diferencia o dolo da culpa é a intenção de exteriorização.

Imperativo categórico do direito: “A minha liberdade termina aonde começa a sua liberdade”

O que é contrário ao direito? O ilícito, o crime.

O crime é a negação da liberdade.

A pena é a negação da negação da liberdade.

04/11/11

Seminário Kant

Questão 2) Para Kant é necessário dois elementos para caracterizar o Direito: de um lado, a limitação recíproca da liberdade e, do outro, o uso da força.

Equidade: falta a universalidade que caracteriza o Direito. Para Kant, é impossível fundamentar o direito sem o conceito de universalidade.

Estado de necessidade: é apenas o uso da força. Só existe coerção. O que determina a própria conduta nesse estado é a própria natureza. É uma inclinação e, portanto, não é propriamente um direito.

Questão 3) Somente o poder público pode estabelecer uma coerção universal.

Questão 4) Não existe propriedade na natureza. Eu só sou proprietário de alguma coisa na medida que estou em propriedade física dela no estado de natureza. Tal propriedade não é real no Estado Civil. A propriedade só pode existir em um Estado Civil, pois não é uma mera posse física, mas uma posse propriamente inteligível. É a posse que discerne o Estado da Natureza. É só no Estado

Civil que eu estou garantido que quando sairei de casa não perderei ela, pois tenho uma posse abstrata de minha casa.

Questão 1) É a maximização da liberdade.

AVISO :MATÉRIA DA 2A PROVA → MACINTYRE ATÉ KANT

11/11/11

John Rawls

1) Ele tenta conjugar os dois principais valores do mundo moderno, valores aparentemente inconciliáveis nas teorias do século XX: liberdade e da igualdade. Ele tenta construir uma teoria da justiça da liberdade (dignidade da pessoa humana) e da igualdade (convívio político)

2) Responder a pergunta: O que é efetivamente uma sociedade justa?

3) Teoria da justiça como equidade.

Primeiro pressuposto: escassez moderada dos recursos. A totalidade dos recursos a ser distribuída é escassa. Conflito permanente entre bens disponíveis x desejo ilimitado dos indivíduos.

Segundo pressuposto: Reconhecimento do fato do pluralismo. Existência de um desacordo profundo entre as concepções de bem e indivíduo. Nas sociedades modernas, não se comunga uma doutrina comum sobre a concepção de bem. Quais serão os princípios de justiça que poderiam regular a concepção divergente uns dos outros?

Terceiro pressuposto: Reconhecimento de que todos os membros da sociedade são indivíduos racionais e razoáveis. São indivíduos capazes de formular uma concepção de bem e viver conforme uma representação de justiça. Ser racional é ser capaz de escolher fins, dotar dos meios mais eficazes para atingi-los. Racionalidade: capacidade moral intrínseca de tentar realizar sua própria noção de bem. Weber: racional é adequação dos melhores meios a fins. Razoabilidade: capacidade de perceber que certos fins podem não ser os melhores fins; de conjugar o livre arbítrio de cada um com uma lei universal.

4) Não é possível encontrar os princípios capazes de ordenar a estrutura básica de uma sociedade a não ser quando os procuramos em uma situação recíproca. A justiça é a primeira virtude das instituições sociais (sistemas políticos), como a verdade o é para os sistemas de conhecimento. Uma teoria deve ser rejeitada se não for verdadeira. As leis, da mesma forma, devem ser abolidas ou reformadas se forem injustas.

5) Se entende como estrutura básica de uma sociedade as principais instituições políticas, sociais econômicas e como elas se encaixam no modo de cooperação do sistema social.

6) Método da estrutura básica de sociedade. Ele propõe um novo contrato social: a originalidade de Rawls é que, ao invés de propor um estado de natureza como nos homens modernos, ele imagina uma posição original, na qual os participantes decidem os princípios de organização das instituições básicas da sociedade (véu de ignorância).

Posição original: situação na qual os indivíduos escolhem os princípios que vão regular a sua vida em sociedade.

7) *Véu de ignorância*: as pessoas tem que desconsiderar suas condições concretas de vida para se elaborar princípios justos. Conteúdo da concepção política de justiça. A justiça se manifesta na imparcialidade do procedimento adotado. Toda concepção de bem precisa de certos bens básicos para que se realize.

Fairness: os princípios só podem ser justos se forem elaborados de um modo parcial

8) O outro jamais pode ser utilizado como simples meio para atingir os meus próprios fins. O princípio ético deve governar qualquer sociedade. Todo indivíduo colocado em situação particular jamais escolheria o princípio utilitarista como princípio que regeria as instituições sociais.

9) *1o princípio: Igual liberdade para todos*. A primeira coisa que a sociedade deveria garantir é um sistema máximo de liberdade.

2o princípio: Igualdade justa de oportunidade. Estejam vinculadas à tarefas e posições acessíveis a todos e regidas pela igualdade de oportunidade de todos. As desigualdades devem garantir os maiores benefícios para os menos favorecidos. (Regra maximi: os recursos serão melhor distribuídos se favoreçam os mais desfavorecidos).

Segundo Rawls, os princípios estão em uma ordem lexical (os princípios devem ser aplicados em um segmento, alguns antes dos outros)

Princípio da indiferença: não é necessariamente injusto tratar as pessoas de modo diferente.

O princípio da indiferença envolve dois subprincípios:

1o tem que ser acessível a todos

2o produzir benefícios para todos

Maximin: o máximo do mínimo. Qual é o mínimo para que uma sociedade seja justa?

22/11/11

Kant havia tentado resolver o problema de como é possível que o direito seja uma manifestação da liberdade ainda que recorrendo a uma negação da liberdade que consiste a coerção. A resposta de Kant é um pouco artificial, o que leva Hegel a tentar responder a questão de uma maneira de diferente.

Para Hegel, a filosofia se faz por conceitos, e não por representações. Representar é colocar algo no lugar de conceito. A dificuldade da filosofia é o esforço do conceito

Espírito (geist): designa a essência de algo (esse vinho é espirituoso); designa a vida (alguém entregou seu espírito a Deus); designa inteligência individual (alguém é muito espirituoso); designa cultura; designa espírito absoluto

Hegel não separa esses conceitos. Quando ele se refere ao espírito, todos os significados são utilizados ao mesmo tempo.

História: a história é a história do espírito. A história é a história pelo qual o espírito se torna livre. É a história da liberdade do espírito

Efetivo (Fiertlich): aquilo que acontece de fato; aquilo que ocorreu.

“O racional é o histórico e o histórico é racional.” → Hegel acredita que existe uma finalidade intrínseca ao processo racional. O único meio pelo qual a razão se revela é através da história. Ao mesmo tempo que dizer que o real é racional, existe uma realidade intrínseca e inerente a história. A história tem uma racionalidade intrínseca a ela. A história é a história do espírito que se torna livre. A história não é uma linha reta. Hegel prefere ilustrar a história através de uma figura que é uma espiral.

Momento do negativo: para o espírito tornar-se livre, o terror foi tão importante quanto à declaração dos direitos dos homens e do cidadão. Esses momentos tão negativos são processos históricos pelos quais a liberdade do espírito se constitui. Nunca antes do holocausto, do terror, o homem compreendeu de fato o que é a liberdade. O momento do negativo é, portanto, tão afirmativo quanto o momento da afirmação.

Para explicar essa racionalidade inerente à história, Hegel usa um conceito que é a *astúcia da razão*. Quando Napoleão hasteia uma bandeira, ele não percebe que ele é uma peça da razão. Ao mesmo tempo que Napoleão fez o que fez, ele fez o que o espírito queria, que era a busca da liberdade (astúcia da razão).

Inversão do que é o concreto e o abstrato → a morte de alguém em uma câmara de gaz é meramente contingente. A história é a história do espírito e não meramente do individual. Quem morre nas câmaras de gaz é um homem abstrato e não um homem concreto.

Inversão da totalidade e da parte → o todo não é simplesmente o somatório das partes. Cada parte do espírito, cada momento do espírito contém todo o espírito dentro dele. A história é a história do espírito tornando-se livre.

Dialética: Hegel não acredita propriamente que a síntese seja uma tese. A síntese é uma tese ao mesmo tempo que é a antítese.

Aufhebung: significa manter, conservar. Ao mesmo tempo *aufhebung* significa ultrapassar, ir além. Como é possível que ao mesmo tempo conservemos uma coisa tal como ela é e ao mesmo tempo nós irmos além dessa coisa?

Exemplo do berimbau: madeira rígida x arame flexível.

Leis da dialética:

- Existe uma oposição interna entre os elementos

- Para que haja síntese, deve-se conservar e ultrapassar os elementos que constituem a tese e a antítese.
- Transformação da quantidade em qualidade. A mudança da quantidade de algo é uma mudança da qualidade de algo. Ex de Marx: o capital é trabalho acumulado. Quando acumulamos uma quantidade de trabalho não pago (mais-valia), essa quantidade se transforma em trabalho (qualidade).

A dialética é a lógica do real e, portanto, da história.

Ex2: a destruição do ovo é condição para que o ovo exista para sempre. Para que o ovo exista, ele precisa ser negado a partir de sempre.

Ex3: quadro do “guarda-chuva dialético”. Ao mesmo tempo que o guarda chuva repele a água, ele conserva a água dentro do copo.

Qual é o processo pelo qual nos tornamos sujeitos? Processo de reconhecimento → processo de apropriação dos objetos. Eu só posso ser um sujeito se eu reconheço um diferente que é igual. Eu só sou sujeito se eu reivindico do outro o reconhecimento de que sou diferente. Para que eu seja diferente de um objeto, é preciso que o outro seja também diferente do objeto, de modo que o outro me reconheça que eu sou diferente.

Teoria do reconhecimento: fundamento dos direitos humanos.

Dialética do senhor-escravo: eu só sou escravo se cumpro as ordens do senhor. O senhor só é senhor na medida em que pode dar ordens para o escravo. O segundo escravo sai momentaneamente da relação de senhor-escravo. O escravo torna-se alienado da relação do senhor. Por causa do reconhecimento, o escravo percebe que aquilo que está acontecendo com o outro escravo, podia acontecer com si. Quando isso acontece, esse escravo forja um projeto: tornar-se livre. Quem vencerá? Hegel diz que é necessário que o escravo vença. O senhor só pode vencer matando o escravo. Se o senhor mata o escravo, ele perde a sua liberdade que consiste em não trabalhar. Se houvesse só um escravo, o senhor não pode matar escravo, pois ele perde a liberdade. Se o escravo mata o senhor, pelo contrário, ele se torna livre. O confronto chega ao fim quando um dos dois teme mais a morte do que a escravidão. A consciência interna forja o projeto de tornar-se livre.

Como é que os direitos se constituem na história? O espírito passa por três momentos:

- Espírito subjetivo → é o eu. Pelo simples fato de eu ser uma alma, eu tenho desejos. Contudo, os desejos são contraditórios. Os desejos em si mesmos são incompatíveis. Para que isso se resolva, o espírito dá um passo além. Mesmo os desejos que eu conheço possuem em si uma incompatibilidade. Assim, eu continuo tendo o problema. Com isso, o espírito deve dar um passo além: a vontade. O eu quero é a liberdade máxima enquanto espírito subjetivo. Contudo, a contradição agora se defronta com um outro espírito subjetivo, um problema fora. O espírito subjetivo se torna, dialeticamente, o espírito objetivo

- Espírito objetivo →

Direito abstrato: é a reivindicação de que a minha vontade é superior a das outras vontades.

Contudo, Hegel diz que se o espírito quer ser livre, ele precisa dar um passo além: a moralidade.

Qual dos dois direitos é de fato direito? Para Hegel, o direito precisa dar um passo além, que é eticidade (3o momento do espírito objetivo).

Hegel diz que o primeiro momento da eticidade é a família. Pela família, o homem e a mulher, em princípio divergentes, tornam-se convergentes.

O segundo momento da eticidade é a Sociedade Civil → não somos mais unidos pelo amor, pois desconfiamos uns dos outros. O espírito precisa, portanto, dar um passo além

O terceiro momento da eticidade é o Estado → é o Estado que impõe a confiança recíproca (a boa-fé). Hegel pensa não em um contrato social, mas em uma suprassunção dialética. O Estado ultrapassou a família e a Sociedade Civil dialeticamente.

- Espírito Absoluto. É o momento da arte. O espírito quer ser livre sem limites. O espírito se torna religião. Ele regula algo que está para além do tempo e do espaço. No momento que o espírito se torna realidade absoluta, ele se torna filosofia. O espírito pensa sem limites a si próprio. A filosofia é a realização total da liberdade.

Ora, como é possível que a coerção seja ainda liberdade? Para Hegel, a coerção é duplamente

liberdade, tanto do ponto de vista subjetivo como do ponto de vista objetivo. A lei vale objetivamente pois ela pune quem a descumpra. Mas não é só objetivamente que a coerção implica a validade da lei. É para a minha própria proteção que eu, homem concreto, ainda que eu não saiba disto, a punição de mim mesmo, homem abstrato.

Sugestões de livros:

Axel Honet: “Luta por reconhecimento: a gramática dos movimentos sociais” → como o reconhecimento forja os direitos fundamentais. Eu posso até tratar o escravo como uma coisa, mas só reconheço ele quando o vejo como uma consciência.

Primo Levi: “Isto é um homem?”

Albert Schweizer: “Biografia de Albert Schweizer” → princípio ético de reverência pela vida.